

A religião entre a crítica e a comunicação indireta em Søren Kierkegaard

Renato Kirchner •

Presley H. Martins **

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a religião no pensamento de Kierkegaard a partir da crítica e da comunicação indireta. Ele criticou veementemente a Igreja Luterana da Dinamarca – uma igreja de Estado – e, ao mesmo tempo, Kierkegaard escreve diversas obras sobre os conceitos fundamentais do cristianismo. Contudo, tanto nas obras heteronômicas quanto nas veronímicas, Kierkegaard valeu-se da comunicação indireta: suas obras não comunicam o que é o cristianismo de forma objetiva, antes buscam comunicar-se com a existência pela subjetividade. Assim, pretende-se argumentar que, entre a crítica e a comunicação indireta, a religião, para Kierkegaard, não é um sistema ou dado objetivo a ser imposto ao indivíduo pela autoridade – o que justifica o método de comunicação indireta utilizado pelo autor. Despidendo-se da sua autoridade enquanto autor, Kierkegaard propõe ao indivíduo uma opção que deve ser decidida na subjetividade. Essa opção trata-se daquilo que, justamente, consiste a religião. O fato de a religião não poder ser comunicada objetivamente concerne ao modo peculiar como Kierkegaard compreende a especificidade da religião; uma vez que a objetividade não responde às questões cruciais da existência, a religião se comunica subjetivamente com elas. Desse modo, para alcançarmos nosso propósito, no intuito de contextualizar o pensamento de Kierkegaard, o texto parte de uma introdução com uma

• Doutor em Filosofia pela UFRJ, professor e pesquisador da Faculdade de Filosofia e do Programa de Mestrado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

** Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Ciências da Religião e licenciado em Filosofia, ambos pela PUC-Campinas. E-mail: presley.hmartins@gmail.com.

breve exposição biográfica do autor, para demarcar suas influências e intenções. A partir dessa contextualização, trataremos das críticas à igreja, realizadas por Kierkegaard. Isso feito, abordaremos a relação entre religião e comunicação indireta, assim como, demonstraremos como essa relação é necessária para os propósitos da religião enquanto paradigma à existência.

Palavras-chave

Kierkegaard; religião; crítica; comunicação indireta; cristianismo.

Abstract

The aim of this article is to analyze religion in Kierkegaard's thinking from criticism and indirect communication. He vehemently criticized the Lutheran Church of Denmark – a state church – and at the same time, Kierkegaard acquired several works on the fundamental concepts of Christianity. However, both in heteronomic and veronical works, Kierkegaard used indirect communication: his works do not communicate what Christianity is objectively, but seek to communicate with existence through subjectivity. Thus, it is intended to argue that, between criticism and indirect communication, a religion, for Kierkegaard, is not a system or objective data to be imposed on the individual by the authority – which justifies the indirect communication method used by the author. Stripping off his authority as an author, Kierkegaard proposes to the individual an option that must be decided on subjectivity. This option is about what, precisely, a religion consists of. The fact that religion cannot be communicated objectively concerning the peculiar way in which Kierkegaard understands the specificity of religion; since objectivity does not answer the crucial questions of existence, a religion subjectively communicates with them. Thus, in order to achieve our purpose, in order to contextualize Kierkegaard's thinking, the text starts from an introduction with a brief biographical exposition of the author, to outline his influences and intentions. From this contextualization, we will deal with the criticisms of the church, carried out by Kierkegaard. That done, we will approach the relationship between religion and indirect communication, as well as demonstrate how this relationship is necessary for the purposes of religion as a paradigm for existence.

Keywords

Kierkegaard; religion; criticism; indirect communication; christianity.

Introdução

Nosso objetivo neste texto é pensar a religião entre crítica e a comunicação indireta no pensamento de Kierkegaard. Pensar a religião nesses dois âmbitos, como veremos, significa fazer uma distinção entre a ilusão e o essencial; significa enfatizar aquilo que é fundamental ao indivíduo em sua busca por sentido. Kierkegaard fez de sua tarefa como autor o sentido de sua existência. Assim, criticou a religião oficial da Dinamarca, denunciou os abusos e as frivolidades de um cristianismo que mais se preocupava com as quantidades de membros contribuintes do que com uma transformação existencial que pudesse curar o indivíduo de seu sofrimento, e perscrutou o sentido das categorias fundamentais do cristianismo. Por essas e outras razões, pensar a religião entre a crítica e a comunicação indireta no pensamento de Kierkegaard, é pensar a atualidade da religião em nosso contexto e tornar-se mais atento.

As obras de Kierkegaard têm sido estudadas em vários campos do conhecimento como, por exemplo, na filosofia, na teologia, na teoria literária e nas ciências da religião. No entanto, nenhuma área parece ser a mais adequada ou esgota todas as possibilidades de estudo sobre a obra de Kierkegaard. Além de atrair pesquisadores de diversas áreas, Kierkegaard desperta o interesse de pessoas que discordam entre si e que defendem pontos de vista extremamente opostos, tanto conservadores quanto progressistas, essencialistas e existencialistas, paradoxalmente parecem se fundamentar no pensamento de Kierkegaard. Para Jon Stewart, essa recepção indica que “existe algo de indeterminado ou aberto nos escritos de Kierkegaard¹”.

Por conseguinte, é esse indeterminado que permite que suas obras se comuniquem ainda hoje com os nossos problemas mais íntimos e, ao mesmo tempo, proporcionem uma percepção especial de nossas próprias vidas e condições². No intuito de iluminar algumas questões do pensamento de Kierkegaard sobre a religião, partiremos de uma breve exposição sobre suas influências e contexto. Desse modo, poderemos compreender suas severas críticas à Igreja, assim como a utilização da comunicação indireta e dos heterônimos para publicação de grande parte da sua obra. Deste modo, Kierkegaard proporciona uma perspectiva mais abrangente da religião, uma vez que sua

1 Jon Stewart, *Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 16.

2 *Ibid.*, p. 16.

argumentação crítica não perde de vista o significado e o sentido que a religião ainda tem para existência do indivíduo. Portanto, o modo como pensaremos a religião no pensamento de Kierkegaard, trata-se também de lidar com o problema e discutir seu papel em um mundo “secularizado”.

Além das fronteiras sistemáticas, dos territórios e das prescrições metafísicas, o interesse e a influência³ de Kierkegaard correspondem à emergência de um pensamento que se volta para o concreto, para os problemas singulares e insolúveis da existência do indivíduo. É desse modo que seu pensamento se mostrou, e ainda se mostra, como um campo inesgotável de riqueza para o pensamento contemporâneo. Nesse sentido, pretendemos pensar a religião entre a crítica e a comunicação indireta.

1. Kierkegaard: a religião entre a culpa e a graça

Michael Pedersen Kierkegaard (1756-1838), pai de Søren Aabye Kierkegaard, nasceu em uma fazenda próxima à igreja, na aldeia de Sædding, na Jutlândia. O sobrenome “Kierkegaard” é oriundo dessas fazendas localizadas aos arredores da igreja⁴ e foi adotado como sobrenome pelo pai de Michael, Peder Christensen Kierkegaard (1712-1799), para enfatizar o local de onde ele e a sua família eram⁵. Michael, seguindo os passos do pai, trabalhava como camponês e vivia em condições precárias e em extrema pobreza. Devido a essas condições, ainda muito jovem, “solenemente amaldiçoou Deus, e por toda a vida foi perseguido pelo sentimento de culpa devido a este incidente⁶”.

Após esse episódio, quando Michael tinha 12 anos, mudou-se da Jutlândia para Copenhague. Niels Seding, tio materno de Michael, convidou-o para juntar-se a ele no

3 Sua obra influenciou diretamente os pensadores do século XX em diversas áreas, para citar alguns: na Teologia, Paul Tillich e Dietrich Bonhoeffer, na Psicologia, Freud e Lacan, na Filosofia, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Hannah Arendt e Jean-Paul Sartre.

4 Em dinamarquês “Kirkegaard” significa “cemitério”, de acordo Joakim Garff: “No linguajar comum as duas fazendas foram chamadas de ‘cemitérios’ por causa de suas proximidades com a Igreja [...] No começo a grafia normal era simplesmente ‘Kirkegaard’, mas depois de um tempo evoluiu para ‘Kierkegaard’, e esta grafia talvez contenha um eco leve de como o nome soava no dialeto da Jutlândia”. Na edição consultada: “In common parlance the two farms were termed ‘hurchyards’ because of their close proximity to the church [...] In the beginning the normal spelling was simply ‘Kirkegaard’, but after a time it evolved into ‘Kierkegaard’, and this spelling perhaps contains a faint echo of how the name sounded in the dialect of Jutland.” Joakim Garff, *Søren Kierkegaard a Biography [livro eletrônico]*. New Jersey: Princeton University Press, 2007, p. 3.

5 Joakim Garff, *Søren Kierkegaard a Biography [livro eletrônico]*. New Jersey: Princeton University Press, 2007, p. 3.

6 Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 25.

comércio de lã, em Copenhague. Michael foi treinado por seu tio nos negócios e tornou-se seu herdeiro⁷. Depois de algum tempo conseguiu abrir seu próprio negócio e ficou rico como comerciante⁸. Michael era pietista e frequentou, em Copenhague, a congregação da Irmandade Morávia, sendo leal à Igreja de Estado e a J. P. Mynster, que foi seu pastor na época. Michael era meditativo, melancólico, carregava a culpa de ter se revoltado contra Deus e esperava que fosse castigado. Sobre isso, Kierkegaard comenta:

Que pavoroso para o homem que, como menino cuidando de carneiros nas campinas de Jylland, sofrendo dores, faminto e exausto, certa vez pôs-se sobre uma colina e amaldiçoou Deus – e o homem era incapaz de esquecer isto quando já tinha oitenta e dois anos⁹.

O primeiro casamento de Michael foi com Kirstine Røyen, ela morreu em 1796 e não deixou filhos. Michael casou-se novamente com Anne Sørensdatter Lund, com quem teve sete filhos, o mais novo foi Søren Aabye Kierkegaard, nascido em 5 de maio de 1813¹⁰. Michael era um homem religioso e educou seus filhos na tradição do cristianismo luterano. Além da educação religiosa, quando criança, Kierkegaard frequentou a Escola da Virtude Cívica, onde estudou os clássicos e aprendeu grego e latim. Após concluir seus estudos, foi admitido na Universidade de Copenhague, onde escreveu sua tese *O conceito de ironia*, defendida em 1841. Acredita-se que os filhos de Michael herdaram os traços de sua personalidade depressiva, resultado da sua obsessão com os próprios pecados¹¹.

Influenciado pela religiosidade de seu pai, Kierkegaard percebe a radicalidade da precariedade do ser humano, seu pecado, sua angústia e seu desespero, bem como a radicalidade do juízo de Deus para com o ser humano pecador. Essa percepção nunca será abandonada por ele.

7 Cf. *ibid.*, p. 26.

8 Um fato histórico importante corroborou para que Michael Kierkegaard fizesse fortuna, segundo Gouvêa: “O pai de Kierkegaard era um comerciante astuto. Ele havia feito investimentos seguros antes dos dias da bancarrota do Estado dinamarquês de 1813 – apenas dois meses antes do nascimento de Kierkegaard – que trouxe a ruína financeira à maioria das famílias abastadas da Dinamarca. A crise econômica foi uma consequência da guerra com a Inglaterra e o bombardeio de Copenhague em 1807. A guerra entre a Inglaterra e Copenhague foi uma consequência do apoio dinamarquês a Napoleão. [...] O pai de Kierkegaard saiu-se disso como um homem muito rico. A fortuna de seu pai permitiu ao jovem Kierkegaard viver sem um trabalho regular e dedicar a vida a sua obra”. *Ibid.*, p. 28.

9 *Ibid.*, p. 26.

10 Cf. *ibid.*, p. 26.

11 Cf. Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 24-26.

No entanto, esse entendimento será contrastado com o Deus do amor, do perdão e da graça¹².

Michael acreditava que, em decorrência dos seus pecados, toda sua família estava sob uma maldição¹³. Sua crença era assinalada pela realidade; Kierkegaard, quando tinha apenas 6 anos, em 1819, perde o quinto irmão, Søren Michael. Após três anos, a irmã mais velha Maren Kristine morre, em 1822, aos 25 anos. Em 1832, morre outra irmã, Nicoline, com 33 anos. A partir desse momento, o luto não cessou na família de Kierkegaard. Em 1833, Niels Andreas, morre aos 24 anos. Um ano após, no dia 30 de julho de 1834, Kierkegaard perde sua mãe, e ainda no mesmo ano, em 29 de dezembro, falece sua irmã predileta, Pétrea. Portanto, Michael viu duas esposas e cinco de seus filhos morrerem, o que acentuou ainda mais sua crença que uma maldição pairava sobre a família, como resultado de seus pecados da juventude. Michael esperava ver todos seus filhos morrerem, chegou a aconselhar Kierkegaard a preparar-se para morrer cedo¹⁴.

Kierkegaard perdeu 5 dos 6 irmãos, além de seu pai e mãe. Sobre seu pai, Kierkegaard escreveu várias passagens em seus diários e dedicou grande parte dos *Discursos edificantes* à memória do pai. Em seus diários podemos ler:

Meu pai morreu na quarta-feira (8), às duas da madrugada. Eu queria profundamente que ele vivesse ainda dois anos e vejo em sua morte o último sacrifício que seu amor fez por mim, porque não morreu para mim, mas por mim, para que eu possa, se ainda for possível, fazer qualquer coisa. De tudo o que me deixou, sua lembrança, sua imagem transfigurada, não pela minha fantasia (esta não é necessária para isso), mas por tantos traços particulares dos quais tenho conhecimento – é, para mim, a coisa mais preciosa, a que devo esconder do mundo com o maior cuidado: porque sinto claramente que neste momento só existe um (Emil Boesen) a quem posso falar sinceramente de meu pai, como de um “amigo fiel” que ele foi¹⁵.

12 Jonas Roos, *Tornar-se Cristão: O Paradoxo Absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. 2007. 247 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2007, p. 14.

13 Cf. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 33.

14 Cf. *ibid.*, p. 26-33.

15 Ernani Reichmann, *Søren Kierkegaard: Textos selecionados por Ernani Reichmann*. Curitiba: UFPR, 1971, p. 17.

Embora durante um tempo de sua vida Kierkegaard tenha se afastado do pai¹⁶, podemos ler na passagem citada que Kierkegaard sempre o considerou como um amigo fiel¹⁷. Já sobre a mãe de Kierkegaard, Anne, sabe-se muito pouco. No entanto, Martensen, que chegou a ser professor de Kierkegaard, fez um relato no qual é possível notar que, embora tenha-se pouco conhecimento sobre a relação de Kierkegaard com a mãe, uma profunda ligação existia entre ambos, a qual pôde ser vista na profunda tristeza que a mãe de Martensen percebeu em Kierkegaard ao perder sua mãe:

Minha mãe me contou que, enquanto eu estava no exterior, ele costumava procurá-la para saber notícias sobre mim. Além disso, ela relatou algo que não deixarei de mencionar aqui, que de vez em quando ele ficava e sentava com ela por um tempo e que ela sentia muito prazer em sua conversa. Certa vez, ele entrou em profunda tristeza e disse a ela que sua mãe havia morrido. Minha mãe confirmou repetidamente que nunca em sua vida (e ela não tinha pouca experiência) tinha visto um ser humano tão profundamente angustiado como S. Kierkegaard estava com a morte de sua mãe. Disto ela sentiu que poderia concluir que ele devia ter uma sensibilidade extraordinariamente profunda¹⁸.

A vida o fizera crescer nessa atmosfera de morte iminente, o que parece ter aguçado ainda mais sua sensibilidade e o deixado mais próximo da vida – embora possamos dizer isso somente enquanto conjectura. Segundo Stewart: “A morte precoce de seus irmãos fez com que uma sombra de melancolia pairasse sobre o lar de sua família¹⁹”. Mesmo tendo sido influenciado pela religiosidade do pai, Kierkegaard, em

16 Kierkegaard, durante sua vida universitária, levou uma vida oposta da educação religiosa que recebera. Segundo Gouvêa: “Kierkegaard tornou-se uma figura popular nas ruas e cafés [...] viveu prodigamente e acumulou altas dívidas nos cafés, nas lojas, com seu alfaiate, e nas livrarias de Copenhagen”. Essas atitudes deixaram Michael preocupado, “A vala entre Kierkegaard e seu pai estava ficando muito larga, e ele saiu da casa paterna”. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 31.

17 Segundo Gouvêa: “O profundo amor e admiração de Kierkegaard a seu pai é evidente não apenas nos diários, mas também em sua obra, particularmente nas dedicatórias”. *Ibid.*, p. 35.

18 Na tradução consultada: “My mother has told me that while I was abroad, he quite often came to her for news of me. In addition, she related something I will not fail to mention here, that from time to time he stayed and sat with her a while and that she took great pleasure in his conversation. Once he came in deep sorrow and told her that his mother had died. My mother has repeatedly confirmed that she never in her life (and she had had no little experience) had seen a human being so deeply distressed as S. Kierkegaard was by the death of his mother. From this she felt she could conclude that he must have an unusually profound sensibility. Martensen. In: Bruce Kirmmse (ed.), *Encounters with Kierkegaard*. Princeton University Press, 1996, p. 588.

19 Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 26.

algumas ocasiões, como aponta Garff, tentou desconstruir essa ideia de um Deus vingativo:

Nós podemos assumir que o jovem Søren Aabye conhecia aspectos do passado de seu pai e que ele tinha ouvido falar sobre sua maldição ao Senhor na charneca. Nesse caso ele certamente teria feito o que pudesse para assegurar ao velho que as mortes na família foram atribuídas a causas naturais: que Søren Michael morreu de hemorragia cerebral, Maren Kirstine de convulsões, Nicoline Christine e Petrea Severine de complicações de parto, Niels Andreas de tuberculose; que sua primeira esposa morreu de pneumonia, sua segunda de tifo. O estudante de teologia teria sido capaz de citar tudo isso como evidências de por que as mortes não foram obra de um Deus vingativo que exigiu pagamento por uma transgressão da infância de muito, muito tempo atrás²⁰.

Contudo, o pai de Kierkegaard não se deixou convencer. De acordo com Gouvêa “Era um choque para Kierkegaard que seu pai vivesse em tal inquietação e falta de paz interior apesar de toda a sua religiosidade²¹”. Nos diários, em janeiro de 1836, Kierkegaard relata: “Na verdade, é muitas vezes triste e deprimente quando se quer realizar algo nesta vida por meios de palavras, e ainda no final vê que não conseguiu nada e que a pessoa em questão se atenha obstinadamente aos seus pontos de vista”²². Gouvêa acentua que durante o período em que Kierkegaard havia deixado a casa do pai, aquele mesmo tempo em que deixou-se levar pelos prazeres, Kierkegaard escreveu nos diários sobre o cristianismo e sobre os cristãos com distanciamento crítico e indiferença. As entradas no diário também indicavam “frequentes bebedeiras, possivelmente uma visita

20 Na tradução consultada: “We may assume that young Søren Aabye knew aspects of his father’s past and that he had heard about his cursing the Lord out on the heath. In that case he would surely have done what he could to reassure the old man that the deaths in the family were attributable to natural causes: that Søren Michael had died of a brain hemorrhage, Maren Kirstine of convulsions, Nicoline Christine and Petrea Severine of complications from childbirth, Niels Andreas of tuberculosis; that his first wife had died of pneumonia, his second of typhus. The theological student would have been able to cite all this as evidence for why the deaths were not the work of a vengeful God who demanded repayment for a childhood transgression of so long, long ago.” Joakim Garff, *Søren Kierkegaard a Biography* [livro eletrônico]. New Jersey: Princeton University Press, 2007, p. 346.

21 Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 33.

22 Na tradução consultada: “Truly, it is often sad and depressing when one wants to accomplish something in this life by means of words, and yet in the end sees that one has accomplished nothing and that the person concerned stubbornly sticks to his views.” Joakim Garff, *Søren Kierkegaard a Biography* [livro eletrônico]. New Jersey: Princeton University Press, 2007, p. 346.

a um bordel, e pensamentos sobre suicídio²³". No entanto, Gouvêa ressalta que não há relatos claros sobre qualquer excesso da parte de Kierkegaard e que o possível incidente sexual nunca tenha ocorrido²⁴. A relação entre Kierkegaard e a religião é complexa e envolve sua educação, seu contexto cultural, suas experiências e sua busca pessoal. Acredita-se que, em 1838, Kierkegaard, aos vinte e cinco anos, teria tido uma experiência religiosa. No diário, no dia 9 de maio de 1838 às 10h30, Kierkegaard escreve:

Há uma alegria indescritível que arde através de nós tão inexplicavelmente quanto a exclamação do apóstolo salta sem razão aparente: "Exultai, e novamente digo, Exultai." – não uma alegria por isto ou aquilo, mas o brado da alma inteira "com a língua e a boca e do fundo do coração": "Eu exulto pela minha alegria, por, em, com, sobre, para e com minha alegria [...]"²⁵.

Gouvêa diz que a entrada pode ser significativa porque Kierkegaard indica a hora, pois nisto também a entrada é única²⁶. Embora não seja fácil compreender o que ocorria com Kierkegaard naquela época, há outras passagens que indicam o interesse de Kierkegaard em retornar ao cristianismo de um modo mais íntimo: "Vou agir em direção a uma relação muito mais íntima com o cristianismo, pois até agora tenho estado completamente fora dele²⁷". Nesse mesmo período Kierkegaard se reconciliou com o pai, que veio a falecer em 9 de agosto de 1838. Portanto, se por um lado há passagens que acentuam certa aversão ao cristianismo e aos cristãos, também há, em seus diários, passagens que indicam a aproximação de Kierkegaard com o cristianismo. Essa relação continuará em sua vida como autor: Kierkegaard criticará aspectos da Igreja estatal e ressaltará a relação entre o indivíduo e o cristianismo. Essa busca pela verdade subjetiva,

23 Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 32.

24 Esse período foi também para Kierkegaard um momento de conhecimento: "[...] em vão procurei uma âncora no mar sem limites do prazer assim como nas profundezas do conhecimento; eu senti a força quase irresistível com que um prazer estende a mão ao seguinte; eu senti o entusiasmo falso que ele é capaz de produzir; eu também senti o tédio, o despedaçamento que segue em seus calcanhares. Eu provei dos frutos da árvore do conhecimento e várias vezes me deleitei em seu sabor. Mas esta alegria foi apenas no momento do conhecimento e não deixou marcas profundas em mim". *Ibid.*, p. 31. É importante ressaltar que o entusiasmo de Kierkegaard pela literatura, pela música e pela ópera e o teatro, foram interesses que ele jamais criticou e abandonou.

25 *Ibid.*, p. 34.

26 *Ibid.*, p. 34.

27 *Ibid.*, p. 35.

da relação pessoal com o cristianismo, foi despertada em Kierkegaard ainda quando jovem.

Em seus diários há o registro de uma carta de 1º de agosto de 1835, possivelmente nunca enviada ao cunhado de sua irmã Petrea Severine, que expressa a fundamental importância para Kierkegaard de descobrir a própria verdade, a verdade de sua interioridade. O cunhado de sua irmã era cientista e estava vivendo no Brasil. Naquele ano, Kierkegaard passou o verão no litoral de Gilleleje, ao norte de Sjælland²⁸, e ficara impressionado com os relatos do cunhado de sua irmã sobre o Brasil. Esses relatos o tocaram profundamente, gerando interesse em buscar algo pelo qual viver: “como eu estava interessado em sua descrição sobre sua estadia no Brasil [...] Algo assim sempre toca a qualquer homem com calor e sentimento... aos jovens, que por enquanto só sonham com o seu destino”²⁹. Sobre esse acontecimento, Gouvêa comenta: “[...] de certa forma, o ambiente brasileiro é parcialmente responsável por criar em Kierkegaard a seriedade, a voluptuosidade, e o maravilhamento que caracterizaria sua relação com sua própria tarefa como autor cristão³⁰” .

Desde cedo, a questão para Kierkegaard sobre o sentido pelo qual sua vida deveria se orientar, levou-o a rejeitar as verdades objetivas e exteriores, assim como parte do cristianismo que ele havia conhecido até então. Na carta, podemos ler:

O que eu realmente preciso é ter clareza sobre o que eu vou fazer, não sobre o que devo fazer. É uma questão de entender meu destino, e ver o que a Divindade realmente quer que eu faça; o importante é encontrar uma verdade que seja uma verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu esteja disposto a viver e morrer [...]. Que propósito haveria nesse caso se eu descobrisse uma assim chamada verdade objetiva ou se eu me dedicasse a explorar os sistemas dos filósofos? E que propósito haveria nesse caso em conceber uma teoria do Estado ... na qual eu mesmo não habito, mas meramente exibo para outros verem? [...]. Que propósito haveria em ser capaz de expor o sentido do cristianismo, de explicar muitos fatos isolados, se isso não tiver qualquer sentido mais profundo para mim e para minha vida?³¹

28 *Ibid.*, p. 33.

29 *Ibid.*, p. 33.

30 *Ibid.*, p. 33-34.

31 Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 52.

Stewart enfatiza que nessa passagem Kierkegaard já reconhece que o cristianismo não pode ser visto como algo voltado para fora, como algo externo que possui mais uma verdade objetiva como as outras. Kierkegaard sugere que de nada vale descobrir o sentido do cristianismo se esse sentido não tiver um sentido mais profundo para sua vida³². Portanto, Kierkegaard percebe que se o cristianismo tem um sentido para vida, esse sentido tem que fazer sentido para mim, tem que se comunicar com a existência. Mas esse sentido não pode ser explicado objetivamente, tal como quando explica-se um conceito.

O contraste entre a verdade objetiva e subjetiva e sua relação com o cristianismo, podemos ler como resultado de sua influência paterna e cultural e o descobrimento de uma verdade mais fundamental do cristianismo. Kierkegaard relata que, em sua infância, a religião fora para ele uma loucura e que teve uma severa educação cristã. Em *Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor*, diz: “Criança, recebi uma educação cristã rigorosa e austera que foi, para perspectivas humanas uma loucura³³”. Mesmo tendo recebido uma instrução religiosa austera, Kierkegaard diz:

Que há de espantoso se, em certas épocas, o cristianismo me tenha parecido a mais inumana crueldade, se bem que nunca, mesmo quando dele mais afastado estive, o tenha deixado de respeitar, firmemente resolvido, sobretudo se não optasse por tomar-me cristão, a nunca iniciar alguém nas dificuldades que conheci e que jamais encontrei nas minhas leituras, nem ouvi tratar. Mas nunca cortei com o cristianismo e nunca o reneguei; nunca pensei em atacá-lo; não, desde o tempo em que pude pensar com o uso das minhas forças, resolvera firmemente tudo fazer para o defender ou, em todo caso, para o apresentar sob a sua forma verdadeira³⁴.

Portanto, Kierkegaard encontrou uma verdade mais profunda no cristianismo. É esse cristianismo, diferente daquele que conhecera em sua infância, que Kierkegaard buscou pensar e expor em suas obras; no entanto, com todo cuidado para não deturpar a “verdadeira forma do cristianismo”, uma vez que sua exposição, de um modo coerente, não foi objetiva e direta. A partir dessa breve exposição de sua vida, o que é importante

32 *Ibid.*, p. 52-53.

33 Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 72.

34 *Ibid.*, p. 73.

salientar é sua relação com a religião a partir de suas experiências pessoais e sua coerência como pensador comprometido existencialmente com as consequências de seu pensar.

Otto Friederich Bollnow, na obra *Filosofia existencial*, faz a distinção entre duas formas de pensar: o pensador abstrato e o pensador existencial. O pensador abstrato é o pensador ou filósofo que se move em uma zona de pensar puro, ou seja, não atende às particularidades, às necessidades e aos pressupostos do existir. O pensador existencial, pelo contrário, se volta para os problemas das dificuldades da particularidade. Nesse sentido, o pensamento se encontra a serviço da existência. Essa concepção de existência que está na base da Filosofia Existencialista se refere à particularidade de uma vivência que se distingue de todas as outras³⁵. Nesse sentido, Kierkegaard foi um pensador existencial³⁶, uma vez que não apenas se preocupou com os conceitos, mas também com a pertinência que esses conceitos têm à existência.

Exatamente pelas suas dores de alma, Kierkegaard leva esta “autoscopia” a proporções absolutamente alarmantes. Confessa que seus dias e noites compunham uma única e compacta reflexão. Seu viver se constituía em “escutar o murmúrio de seus pensamentos, coincidir com o ritmo de sua vida interior.” Daí a afeição pela vida solitária, até gostando de se encontrar abandonado de amigos. O

35 Cf. Otto F. Bollnow, *Filosofia existencial*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1946, p. 13-17.

36 É comum Kierkegaard ser rotulado como o pai do existencialismo. Gouvêa discorda dessa paternidade. Para argumentar contra a alegação de paternidade, Gouvêa aponta as diversas diferenças essenciais entre os pensadores do existencialismo e o pensamento de Kierkegaard, para citar alguns exemplos: “Por existencial, Kierkegaard se referia ao pensamento que não esquece jamais que aquele que pensa é um ser humano existente, contrariamente a um idealismo abstrato e especulativo. Ele queria dizer, com o termo ‘existencial’, viver e pensar subjetivamente contra a mera observação objetiva da realidade (que pode ser boa para as ciências naturais, mas não para as humanidades, a ética e a religião) [...] a importante ênfase de Kierkegaard sobre a existência pode não ter sido proposta com a intenção de diminuir a essência, como os existencialistas por vezes alegam. Mais provavelmente Kierkegaard queria manter a tensão dialética entre existência e essência”. Além disso, Gouvêa também argumenta que não faria sentido identificar o pensamento de Kierkegaard com o existencialismo, uma vez que Kierkegaard nunca quis dar início a uma escola filosófica ou propor um sistema. Mesmo assim, Gouvêa acentua que há temas cruciais para Kierkegaard que também os são aos existencialistas, por exemplo: a ênfase dada ao indivíduo, as escolhas e a responsabilidade pelas próprias ações. Cf. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 70-76). Todavia, o que Kierkegaard faz com essas ideias é bem diferente do que Sartre faz com elas. Argumentar sobre se Kierkegaard pode ou não ser considerado pai do existencialismo vai além dos propósitos deste texto. No entanto, assim como podemos identificar Descartes e Leibniz com o racionalismo, por compartilharem e enfatizarem certos aspectos em suas respectivas filosofias, também podemos dizer que, mesmo o pensamento de Kierkegaard diferenciando-se dos pensadores existencialistas, de uma forma ou de outra, Kierkegaard fora importante a esses pensadores e os influenciou de alguma maneira; seja pela ênfase dada à existência ou o próprio compromisso de Kierkegaard com a sua própria vida (enquanto busca de propósito como vimos na carta de 1835). O pensador dinamarquês pode ter acentuado o que depois viera a ser cunhado de existencialismo, mesmo não tendo tido essa pretensão e seu pensamento se diferenciar de seus posteriores.

silêncio, diz, “é-me benéfico, porque me ensina a fixar o olhar em meu eu, estimula-me a captar esse eu que é meu, a manter-me fixo no meio da mutação infinita da vida, a trazer até mim o espelho côncavo em que antes buscava aprisionar a vida de fora de mim”. Isso porque a exigência Kierkegaardiana era terrível. Não a comum e tácita aspiração a dias alegres, mas a necessidade quase mórbida de ir até o final de si mesmo, transcendendo-se³⁷.

Kierkegaard, “Psicólogo, ele escreve com sangue e com a melancolia³⁸ que caracteriza os homens de gênio³⁹”. Escreveu com o próprio sangue e também com entusiasmo e alegria, pois, como se sabe, “Søren Kierkegaard costumava sair à rua todos os dias para mergulhar no mundo dos humanos⁴⁰”. É a sua alegria e dor, sendo no fundo um só sentimento, que caracteriza a unidade de sua escrita distinta, de seu pensamento arguto, que tinha como fundamento uma percepção profunda sobre a existência humana e a religião. A tarefa terrível é ser transparente o suficiente para perscrutar a dor e levá-la às últimas consequências, ir até o final de si mesmo no sofrimento, encontrar a si mesmo na verdade, pois “o conhecimento de coisas externas é irrelevante sem o conhecimento de si mesmo como sujeito⁴¹”.

Portanto, o pensar existencial está atrelado à experiência própria da particularidade, e o seu pensar é engendrado por essa vivência, cujo pensamento só pode ser encontrado mediante a interioridade. Deste modo, o pensamento está comprometido com a existência e todo seu interesse encontra-se nela. Toda preocupação do pensador existencial está voltada para um modo de existir, e esse modo de existir é intransferível.

37 Regis Morais, O terrível e o sublime. In: KIERKEGAARD, Søren. *Das profundezas: preces*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 13-14.

38 Segundo Alvaro Valls, em dinamarquês melancolia chama-se “*Tungsind*, ou seja, espírito (ânimo) pesado, enquanto há também *Letsind*, ânimo leve, ligeiro, leviano: maníaco” (VALLS, 2013, p. 20). Valls afirma que os dois conceitos (*Tungsind* e *Letsind*) são complementares e apresentam-se na mesma pessoa. Como na primeira parte de *Ou-Ou: um fragmento de vida*, nos aforismas do esteta. “De fato, depressão melancólica e entusiasmo maníaco revezam-se dinamicamente nos textos, em variados gêneros, do pseudônimo A, descrito como *um jovem esteta* [...] A melancolia imobiliza, como a um peão de xadrez, não dá vontade de fazer nada, produz uma lassidão, uma preguiça tão grande como a de Macunaíma e qualquer coisa que se faça acaba em arrependimento [...] O melancólico não vê sentindo nenhum em sua vida, tornada amarga” (VALLS, 2013, p. 20-23). Portanto, melancolia é um termo utilizado por Kierkegaard para demonstrar um estado de espírito e é diferente de outros conceitos do autor como *angústia* e *desespero*.

39 Jorge Miranda de Almeida; Álvaro Luiz M. Valls, *Kierkegaard* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 9.

40 Álvaro Luiz Montenegro Valls. *O crucificado encontra Dionísio: estudos sobre Kierkegaard e Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 8.

41 Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 53.

O pensamento especulativo não acompanha a singularidade dessa existência, pois somente aquele que faz a experiência, encontra nessa mesma experiência o seu próprio pensar. Como observamos, o que foi fundamental para Kierkegaard, o que o guiou em sua existência, foi encontrar a verdade pela qual pôde viver e morrer, e essa verdade relaciona-se com o cristianismo.

Por sua obra possuir essa singularidade, por estar atrelada a uma experiência singular e intransferível, escreveu em seus diários:

Após a minha morte, ninguém encontrará em meus papéis (este é o meu consolo) um só esclarecimento sobre o que propriamente ocupou a minha vida. Não se encontrará em meu íntimo o texto que tudo explica. Muitas vezes, aquilo que o mundo consideraria como bagatela apresentava uma importância considerável para mim, o que, por sua vez, considero uma futilidade, desde que se extraia a nota secreta que é a chave de tudo⁴².

A existência não se explica com um conceito. E é nesse limite que lemos as obras de Kierkegaard. Encontrar o que tudo explica é impossível e talvez aqui esteja algo de valor para nosso tempo. Ao se opor aos sistemas metafísicos e às teorias que submetem a vida particular do indivíduo a conceitos abstratos, os quais pretendem fornecer uma resposta última à existência, Kierkegaard é um pensador de limite e é nesse limite que ele quebra com o primado da razão, como fundamento de respostas aos problemas mais fundamentais e frágeis da vida. Por conseguinte, é no cristianismo, como pensado por Kierkegaard, que essas questões fundamentais da existência poderão encontrar a possibilidade de sentido, uma vez que é no cristianismo que a verdade ganha corpo. Segundo Stewart: “A questão da relação pessoal, interior, subjetiva com o cristianismo é, para Kierkegaard, uma verdade muito mais profunda e importante do que todas as verdades externas, objetivas que possam ser estabelecidas⁴³”. Nesse sentido, antes que essa relação com a verdade possa ocorrer, o indivíduo deve preparar-se:

Kierkegaard afirma que o sujeito deve primeiramente começar com ceticismo ou “ironia” para percorrê-lo, e escreve: “O verdadeiro saber

42 Ernani Reichmann, *Søren Kierkegaard: Textos selecionados por Ernani Reichmann*. Curitiba: UFPR, 1971, p. 17.

43 Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 54.

começa com um não saber (Sócrates) ”. Depois que a crença de um indivíduo foi abalada pelo método socrático, ele está apto a identificar suas próprias verdades subjetivas. O sujeito deve começar a partir daquilo que Kierkegaard chama de “não saber”, para que seja liberto das crenças tradicionais nas quais ele foi criado e com as quais viveu por toda a vida⁴⁴.

Por isso Kierkegaard, amparado pela ironia socrática, não deixou de fazer suas críticas à Igreja de seu contexto. Portanto, antes de relacionar-se com a verdade, o indivíduo precisa saber que está na “não verdade”, no “não saber”. Tendo a consciência de sua condição, então o indivíduo poderá relacionar-se subjetivamente com a verdade.

Kierkegaard criticou à cristandade, já que notava que a Igreja impossibilitava o cristianismo e, nesse sentido, dificultava a relação pessoal com o cristianismo e a possibilidade de transformação existencial. Doravante, passamos à análise da relação de Kierkegaard com a Igreja, a fim de clarificar este ponto.

2. Crítica à cristandade

No século XIX, na Dinamarca, Kierkegaard dirigiu severas críticas à cristandade⁴⁵; ao modo como o cristianismo era compreendido e vivenciado pela sociedade dinamarquesa, na Igreja Luterana de Estado. Contudo, essas críticas nem sempre aparecem em suas obras de forma direta, como acontece, por exemplo, em sua última obra *O instante*, em que o ataque é explícito. Isso porque, inspirando-se em Sócrates⁴⁶, sua

44 *Ibid.*, p. 53.

45 É importante apontar que cristandade e cristianismo não são sinônimos. Por isso, quando Kierkegaard faz críticas à cristandade, ele não está se opondo ao cristianismo. A cristandade refere-se à igreja oficial do Estado. Nas palavras de Kierkegaard: “Toda a pessoa dotada de um pouco de discernimento que considere com seriedade o que se chama a cristandade, ou o estado de um país dito cristão, deve, certamente, bem depressa cair numa grande perplexidade”. Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 37. Portanto, o país que se diz cristão cai na perplexidade de viver na ilusão de ser cristão, pois o cristianismo da cristandade não corresponde ao cristianismo do Novo Testamento; o cristianismo da cristandade seria a deturpação do cristianismo pelo Estado e a Igreja. Talvez caberia aqui, aludindo a Platão, dizer que o cristianismo da cristandade era, na verdade, a caverna que acorrentava os cristãos à ilusão de serem cristãos.

46 Em setembro de 1841, Kierkegaard defendeu sua dissertação de mestrado *O conceito de ironia*, na Universidade de Copenhague. A ironia de Sócrates, que levava seus interlocutores à aporia, representava para Kierkegaard a posição negativa frente ao conhecimento daqueles que eram exortados por Sócrates, alegavam deter. Segundo Jon Stewart: “Kierkegaard chegou à conclusão de que sua própria época precisava de um novo Sócrates. Com isso ele pensava não em alguém que surgisse com uma nova filosofia ou uma nova doutrina, mas alguém que provocasse as pessoas, e que as sacudisse de suas autocomplacências. Esse era o objetivo que ele decidiu estabelecer para si. Ele se tornaria o novo Sócrates – o Sócrates de Copenhague”. Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 40.

atividade como autor não tinha o objetivo de propor diretamente um sistema em que o leitor devesse acreditar⁴⁷, é justamente a essa forma positiva de proposta que Kierkegaard se opõe. Sócrates dizia que nada sabia e exortava as pessoas que acreditavam conhecer determinado assunto, conduzindo-as à aporia; a intenção de Sócrates era provocar essas pessoas e fazê-las refletirem sobre suas crenças, fazendo com que elas mesmas pudessem chegar à verdade.

Assim como Sócrates que perambulava por Atenas, exortando seus cidadãos, Kierkegaard caminhava pelas ruas de Copenhague puxando conversa com qualquer pessoa. Independentemente da idade e da classe social, envolvia-se com pessoas cuja vida e interesse eram totalmente diferentes da sua, segurava, gentilmente, esses estranhos pelos braços e caminhava, conversando, o tempo todo. Atencioso e perscrutador, dizia-se capaz de relatar o que cada pessoa falava, assim como as emoções daqueles que as comentavam⁴⁸. Suas atividades peripatéticas, assim como sua atenção aos transeuntes de Copenhague, já nos comunica a preocupação que seu pensamento tem com o indivíduo, com as vivências singulares, assim como, inversamente, todo o seu desprezo pelo sistema⁴⁹ fechado em si mesmo, que é mórbido e vaidoso; mórbido por não deixar que a existência o sobreponha com suas incoerências e paradoxos, e vaidoso por estar seguro das verdades das quais pode dominar, sem o crivo da própria vida. Da mesma forma, Kierkegaard, além dos limites de seu tempo e contexto, continua a nos exortar para reavaliarmos nossas crenças. Jon Stewart acentua que Kierkegaard “insistia que o cristianismo se refere totalmente a uma relação interior de cada indivíduo, e seu objetivo, então, era ajudar as pessoas a encontrarem essa relação em si mesmas⁵⁰”. Desse modo,

47 Kierkegaard não pretendia impor e dizer de forma objetiva o que era a verdade, ele próprio definiu seu papel como corretivo, segundo Gouvêa: “Kierkegaard preferiu definir seu papel desde o início como de um ‘corretivo’, e ele realmente detestava os métodos dos ‘zelosos’ reformadores de seu tempo, incluindo Grundtvig, com sua fé segura e sem paixão e seus compromissos com a igreja estatal”. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 100.

48 Stephen Backhouse, *Kierkegaard: uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 105.

49 Segundo Jon Stewart: “Kierkegaard reconheceu, na Dinamarca do século XIX, problemas análogos aos confrontados pelos gregos no século V a.C. Sendo a natureza humana o que é, ele reconheceu muitos de seus contemporâneos nas figuras retratadas nos diálogos de Platão. Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 40.

50 Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 38.

seus escritos buscaram analisar o significado de categorias fundamentais do cristianismo e, ao mesmo tempo, indispensáveis à existência do indivíduo.

Nascer em um Estado cuja religião oficial é o cristianismo, não implica em ser cristão. E esta é uma questão fundamental para Kierkegaard. No primeiro volume do *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, Kierkegaard diz com ironia:

Se fosse casado, sua esposa diria a ele: “Marido, de onde te veio esta ideia? Como poderias não ser um cristão? Afinal de contas, tu és dinamarquês; o livro de Geografia não diz que o cristianismo luterano é a religião predominante na Dinamarca? [...]. Não cuidas do teu trabalho no escritório como um bom funcionário público? Não és um bom súdito numa nação Cristã, num Estado cristão-luterano? Então é claro que tu és cristão.” Vejam só, nós nos tornamos tão objetivos, que até a esposa de um funcionário público argumenta a partir da totalidade, do Estado, da ideia de comunidade, da cientificidade geográfica, para chegar ao indivíduo. Conclui-se com tanta obviedade que o indivíduo é cristão, tem fé, etc⁵¹.

Para Kierkegaard, ser cristão não se resume à geografia, tampouco dizer ser cristão por pertencer a uma denominação cristã significa compreender e viver o cristianismo. O que há de fundamental em Kierkegaard é a percepção da estreita relação entre cristianismo e indivíduo. Nesse sentido, a Igreja no contexto de Kierkegaard, voltava suas preocupações para uma questão quantitativa e não qualitativa. Assim, o problema não está nos dogmas⁵² cristãos, mas no Estado que transformou o cristianismo em um dado objetivo, alterando a mensagem cristã.

51 Søren Kierkegaard, *Pós-escrito às migalhas filosóficas. Vol. I*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 55-56.

52 Segundo Gouvêa, “Na verdade, Kierkegaard nunca pretendeu contradizer ou rejeitar os dogmas cristãos essencialmente recebidos dos primeiros pais da Igreja e dos reformadores protestantes”. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 99. Paul Tillich, na obra *História do pensamento cristão*, explica que a palavra dogma vem do vocábulo grego *dokēn*, que significa pensar, imaginar, ter opinião. Nesse sentido, até mesmo as escolas gregas anteriores ao cristianismo tinham suas *dogmata*, que eram doutrinas específicas de cada escola, assim a *dogmata* diferenciava uma escola da outra. Da mesma forma, os dogmas cristãos também foram compreendidos como *dogmata*, que distinguia as escolas cristãs uma das outras. Tillich argumenta que os dogmas “foram formulados negativamente, para combater interpretações errôneas dentro da própria igreja”. Os dogmas, portanto, eram doutrinas protetoras da substância cristã. Embora a base fixa fosse a confissão de Jesus como Cristo, tudo mais era mutável, a substância era fluída: “Quando surgiam novas doutrinas que pareciam ameaçar a confissão fundamental, as doutrinas protetoras eram-lhes acrescentadas. Foi assim que os dogmas se desenvolveram. Lutero também reconhecia esse fato: os dogmas não resultaram de interesses teóricos, mas da necessidade de se proteger a mensagem da substância cristã”. Nesse sentido, podemos entender que Kierkegaard, em seu tempo, retorna ao dogma para proteger, da interpretação da cristandade, a substância da mensagem cristã. Paul Tillich, *História do pensamento cristão*. 2 ed. São Paulo: ASTE, 2000, p. 20-21.

Em sua última obra, *O instante*, de 1855, Kierkegaard diz: “pois, a situação de fato no país é realmente tal que o cristianismo do Novo Testamento, não somente não existe, mas até ficou, na medida do possível, impossibilitado⁵³”. A igreja que tornou o cristianismo impossível consiste no fato de a cristandade ter tornado o cristianismo algo fácil, pois o Estado empregava 1000 funcionários, os quais, portanto, tinham interesses pecuniários, assim, quanto mais pessoas denominavam-se cristãs – quanto mais ovelhas –, tanto melhor. Assim sendo, os pastores, funcionários do Estado, eram movidos por instinto de conservação, pois eram funcionários da mais alta categoria e faziam carreira na cristandade, estavam mundanizados por completo e servindo ao Estado. Portanto, não seria coerente, dentro dessa lógica, dizer à comunidade o que é o cristianismo, pois seria o mesmo que renunciar aos seus cargos. Kierkegaard diz: “No Novo Testamento, o Salvador do mundo, nosso Senhor Jesus Cristo, apresenta a questão da seguinte maneira: O caminho que leva à vida é apertado; a porta, estreita, e poucos são os que a encontram⁵⁴”. O cristianismo a serviço do Estado, teria, então, alargado o caminho ao formar a ilusão de que todos são cristãos⁵⁵. Portanto, isso leva Kierkegaard a afirmar que o cristianismo, vivenciado e transmitido dessa forma, faz com que o Novo Testamento já não seja verdade. Isso porque a verdadeira mensagem estava desvanecendo-se na ilusão. Ao constatar os mecanismos internos do funcionamento da igreja e denunciar a forma como o cristianismo é transformado pelo Estado, Kierkegaard não apenas nos diz o que o cristianismo não é, como também nos provoca a pensar sobre o que é o verdadeiro cristianismo, assim como, o que de essencialmente cristão estava sendo ofuscado.

Em *Ponto explicativo da minha obra como Escritor*, Kierkegaard enfatiza que toda sua obra se relaciona com o cristianismo e com o problema do tornar-se cristão:

53 Søren Kierkegaard, *O instante*. São Paulo: Editora LiberArs, 2020, p. 23.

54 *Ibid.*, p. 45.

55 Para Gouvêa, “a preocupação básica de Kierkegaard era corrigir vidas cristãs por meio de uma investigação de cunho existencial, a saber, tentar descobrir o que se deve fazer para tornar-se cristão, uma questão que parecia ter quase desaparecido de vista na Europa do século 19”. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 101. Nesse sentido, a ênfase recai em como o cristianismo pode ser “reduplicado” na existência. Sobre o tema tornar-se cristão, ver a tese de doutorado de Jonas Roos: ROOS, Jonas. *Tornar-se Cristão: O Paradoxo Absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. 2007. 247 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2007.

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema do tornar-se cristão, com intenções polémicas directas e indirectas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos⁵⁶.

Portanto, Kierkegaard, sem deixar de ser um autor religioso ao seu modo, critica a religião que escraviza o indivíduo na culpa e no castigo, que o manipula pela erudição dos sermões, criando uma ilusão de que, tanto aqueles que o pregam como aqueles que os ouvem, são cristãos.

É importante sublinhar que Kierkegaard, após dizer que toda sua obra se relaciona com o cristianismo, acrescenta o problema do tornar-se cristão. Nesse sentido, o “tornar-se”, refere-se à temporalidade, ao devir, que implica na transformação existencial do indivíduo, ou melhor, na transformação do ser humano em indivíduo⁵⁷. Daí a crítica que Kierkegaard faz à Igreja oficial da Dinamarca, pois todos dinamarqueses eram considerados cristãos apenas pelo fato de nascerem no país; essa condição impossibilitava uma relação mais pessoal e de transformação existencial que o cristianismo poderia proporcionar ao indivíduo. Kierkegaard “acreditava que o cristianismo só tinha sentido se o próprio crente tivesse uma experiência⁵⁸”.

Se a mensagem não cristã é transmitida através de uma instituição que se diz cristã – o lobo guiando as ovelhas –, então, aqueles que são receptores da mensagem, estão na ilusão de possuírem a verdadeira mensagem cristã. Nesse sentido, estarão fechados para qualquer outra mensagem. Kierkegaard enfrentou esse problema:

Que é, pois, “enganar”? É começar por tomar como dinheiro a pronto a ilusão do outro, e não começar diretamente pelo que se lhe quer

56 Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 22.

57 Indivíduo é um conceito muito específico no *corpus* da obra de Kierkegaard e, portanto, não deve ser compreendido como entendemos habitualmente; segundo Jonas Roos, ao se referir ao conceito de angústia, “O ser humano é espírito em potência, ou, na linguagem de O Conceito de Angústia, espírito como que sonhando. O espírito será o si-mesmo apenas quando corretamente efetivado e, para Kierkegaard, o espírito corretamente efetivado equivale ao conceito de indivíduo”. Jonas Roos, *Finitude, infinitude e sentido: um estudo sobre o conceito de religião a partir de Kierkegaard*. Brasília: Revista Brasileira de Filosofia da Religião, v. 6, p. 10-29, 2019, p. 13. Indivíduo é um conceito específico na obra de Kierkegaard, embora seja geralmente usado para se referir a uma pessoa em particular.

58 Jon Stewart, *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 38.

inculcar Para me ater ao objecto principal de toda obra, não se deve, pois, começar por dizer: sou cristão e tu não o és, mas por dizer: tu és cristão, o que não sou⁵⁹.

Kierkegaard não dirá diretamente o que é ser cristão, sua preocupação é em relação ao problema do tornar-se cristão, no entanto, também não dirá diretamente como tornar-se cristão; ele apresenta os argumentos de tal forma que cabe ao indivíduo refletir. Essa reflexão corresponde ao sentido da própria existência.

A compreensão de cristianismo que podemos obter das obras de Kierkegaard não é dada de forma objetiva; Kierkegaard cria personagens e experiências para atingir à subjetividade. Desse modo, podemos nos colocar no interior da obra, deixando-nos ser existencialmente implicados pelas categorias, sejam elas a repetição, a angústia, o desespero, a fé ou o amor; todas dizem respeito ao processo do tornar-se si-mesmo, tornar-se cristão. Segundo Roos, “o Cristianismo é pensado por Kierkegaard fundamentalmente como um processo de tornar-se que acontece na temporalidade; para a descrição desses processos é fundamental, e de modo algum ocasional, a personificação de conceitos⁶⁰”. Desse modo, Kierkegaard não apenas nos proporciona reflexões críticas ao nosso contexto, mas também abre caminho para pensarmos questões essenciais à existência. Portanto, a importância de compreender o significado do cristianismo, tomando-se por base a filosofia da religião de Kierkegaard, relaciona-se à compreensão do si-mesmo enquanto síntese e ao sentido da própria existência.

O próprio Kierkegaard diz que não é sua tarefa impor alguma convicção ou crença, mas fazer com que sejamos atentos:

Um homem pode ter a sorte de fazer muito por outro, a de o conduzir até onde deseja levá-lo; para nos atermos ao nosso tema principal e constante, pode ter a felicidade de o ajudar a tornar-se cristão. Mas esta possibilidade não está em meu poder; depende de uma multidão de circunstâncias e, sobretudo, da vontade do outro. Nunca posso de modo algum impor a alguém uma opinião, uma convicção, uma crença; mas posso uma coisa, num sentido a primeira (porque ela condiciona a seguinte: a aceitação da opinião, da convicção, da crença), e, num outro,

59 Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 46.

60 Jonas Roos, *Filosofia da Religião em Kierkegaard depois do anúncio da morte de Deus*. Brasília: Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 2, p. 1, 2014, p. 51.

a última, se não quer a continuação: posso obrigá-lo a tornar-se atento⁶¹.

Posição crítica é tornar-se atento à realidade na qual estamos inseridos, trata-se de observar com cuidado, de buscar com paixão e profundidade a si-mesmo, não deixando-se iludir pelas aparências de discursos que se dizem cristãos. Segundo Gouvêa:

Para Kierkegaard, a religião que a Igreja Estatal da Dinamarca de seu tempo sustentava e pregava não era o cristianismo do Novo Testamento, e as pessoas em geral não pareciam percebê-lo e continuavam a considerar-se cristãs. Cristãos nominais ainda fazem o mesmo hoje em dia por todo o mundo. Muitos “cristãos” de todas as denominações não têm ideia do que seja cristianismo, pois a verdadeira resolução e transformação interna raramente é reconhecida. Estes precisam ouvir Kierkegaard⁶².

“Cristãos nominais”, como aponta Gouvêa, não é um problema que se restringe à época de Kierkegaard. Uma compreensão mais aprofundada sobre os conceitos que fundamentam o cristianismo, pode nos proporcionar uma autocrítica e uma base para não nos deixarmos levar por discursos atuais que se dizem cristãos. Apesar de ter sido educado pelos valores cristãos, Kierkegaard, além de ser um autor religioso, foi um crítico de seu tempo, assumiu o descrédito social por sua verdade, mas não devemos o compreender como um relativista, e sim como um Sócrates de seu tempo, irônico, que denunciou as aparências e as ilusões das verdades irrefutáveis, desertou e buscou, na sua oposição à cristandade, seu próprio caminho; apropriando-se da filosofia e do cristianismo em seu contexto, buscou pela verdade que encontrou em sua existência.

Deste modo, assim como sua trajetória, o cristianismo é inseparável de sua obra. Trata-se, porém, de um cristianismo diferente, não faz parte da experiência daqueles que o professam, daqueles que, persistentemente, dizem-se cristãos. Isso porque o conteúdo do cristianismo é existencial e de transformação da própria existência. O tornar-se cristão na ilusão da cristandade, significa, antes de tudo, destituir-se do conforto proporcionado pela própria ilusão. A dissolução da ilusão faz irromper o sofrimento. É pelo caminho

61 Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 45.

62 Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 98.

traçado por esse sofrimento que poderá haver a relação entre o indivíduo e a transcendência, na qual há o enfrentamento com a realidade exterior, ao mesmo tempo em que se apresenta a possibilidade de sentido.

Nas obras *A Repetição* (1843), *Temor e Tremor* (1843) e *Migalhas Filosóficas* (1844), encontramos as categorias da repetição, da fé, do instante e do amor, respectivamente, que, através do ponto de vista religioso, vão além da mera racionalidade, são as categorias que estão no limite e na fratura da existência, pois elas correspondem a uma exigência da própria existência que requer decisão. Essas categorias são existenciais, pensadas na perspectiva da experiência. Deste modo, elas se opõem ao sistema. Por isso, elas transcendem e só podem ser comunicadas de forma subjetiva. Portanto, o problema do tornar-se cristão só pode ser pensado a partir das categorias que colocam o indivíduo em condição de ser pensado existencialmente, ao mesmo tempo em que essas categorias permitem a transcendência e uma transformação existencial. Desse modo, a religião, em Kierkegaard, é pensada concomitantemente com a existência, de tal modo que existência e religião são indissociáveis.

Se o tornar-se cristão se contrapõe à cristandade, então a última não pode ser parâmetro para o tornar-se cristão, uma vez que o tornar-se somente cabe ao indivíduo. Isso significa que mesmo sem todos os parâmetros, sem uma certeza indubitável, o indivíduo terá que decidir. Desse modo, a religião acentua a existência, uma vez que a religião enfatiza que diante da impossibilidade de um conhecimento absoluto, a verdade acontece quando a vida está em jogo nas decisões que precisamos tomar; decisões às quais são fundamentais e não temos a certeza objetiva. Nesse sentido, o tornar-se cristão não se reduz em repetir determinada ação que corresponda aos valores cristãos. Não que esses não sejam importantes, pelo contrário, são essenciais. No entanto, de nada adiantaria, por exemplo, dizer que se ama o próximo, se esse amor não é apropriado pela interioridade. Portanto, como transmitir ao indivíduo aquilo que Kierkegaard compreendeu como a verdade do cristianismo, sem tornar-se aquele a quem ele critica? Uma comunicação direta, dizer o que o cristianismo é, seria cair em uma contradição.

Uma comunicação direta transmite conhecimentos, prima pela objetividade. O cristianismo, no entanto, mais do que conhecimento de algo, mais do que doutrina, deve se relacionar com a subjetividade, com a paixão, com a interioridade, que é o lugar da decisão; é uma

comunicação de vida. Ciente das dificuldades implicadas neste processo de comunicação, da dificuldade em atingir a subjetividade de seus leitores, Kierkegaard se empenha nesta comunicação que quer pegar seu leitor pelas costas e colocá-lo em uma relação existencial para com o cristianismo⁶³.

Portanto, Kierkegaard adotará o método de comunicação indireta, no intuito de não tornar objetivo o que deve ser apreendido subjetivamente. Não impossibilitando, desse modo, uma relação existencial com o cristianismo.

3. Os heterônomos⁶⁴ e Kierkegaard: um caminho para se pensar a religião

Embora não possamos esgotar todos os problemas presentes no que tange as interpretações já realizadas das obras de Kierkegaard, as quais, em que grande parte, foram publicadas por heterônomos, precisamos discorrer brevemente sobre essas dificuldades e indicar, entre as possibilidades, o que é de extrema importância para pensarmos a religião na contemporaneidade.

Kierkegaard divide suas obras em duas categorias: comunicação indireta e a comunicação direta; a primeira, refere-se à produção estética, obras publicadas através de heterônomos; a segunda categoria, refere-se aos discursos religiosos, publicados através do próprio nome. Segundo Kierkegaard: “O primeiro grupo de escritos constitui a produção estética; o último, a produção exclusivamente religiosa: *o Post-Scriptum definitivo e não científico* encontra-se entre os dois formando *o ponto crítico*⁶⁵”. Segundo Gouvêa, “Toda a obra heteronímica de Kierkegaard é comunicação indireta, pois a atenção é

63 Jonas Roos, *Tornar-se Cristão: O Paradoxo Absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. 2007. 247 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2007, p. 88.

64 Optamos pela palavra heterônimo para distinguir de pseudônimo, que era uma prática comum na cidade de Copenhague. Sendo na época uma cidade bem pequena, era comum seus cidadãos publicarem em jornais através de pseudônimos. Era cultural os jornais da época mediarem conversas intelectuais, portanto, quase todos publicavam sob pseudônimos, pois permitia que as pessoas expressassem seus pontos de vista sem a necessidade de enfrentarem seus adversários no dia seguinte na rua. Alguns autores construíam seus pseudônimos deixando explícito qual era o verdadeiro nome por trás, Backhouse diz que era um segredo aberto, embora muitos soubessem quem era o verdadeiro responsável pelo pseudônimo, por regra não era permitido que se identificasse ou revelasse o nome verdadeiro autor, tratava-se de uma brincadeira. Cf. Stephen Backhouse, *Kierkegaard: uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 107. Com a palavra heterônimo, entretanto, queremos significar que essa abordagem é um elemento essencial para o projeto de Kierkegaard, e indicar a importância que o próprio Kierkegaard dava para os heterônimos, que, por sua vez, representavam um ponto de vista próprio e diferente, sendo, assim, um outro dele mesmo.

65 Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 29.

incitar o leitor a escolha⁶⁶). Desse modo, a comunicação indireta retira a autoridade autoral para dar espaço para o contato direto do leitor com o texto. Embora o próprio Kierkegaard tenha dito que toda sua obra estética está a serviço do cristianismo⁶⁷, em nenhum momento sua comunicação torna-se uma autoridade. Portanto, mesmo os escritos religiosos de comunicação direta, não têm o objetivo de exercer qualquer autoridade. Roos argumenta que a filosofia da religião em Kierkegaard não pode ser concebida em tratados:

Por razões análogas será importante para o entendimento que proponho nesse texto, que a filosofia da religião de Kierkegaard não seja concebida em tratados, mas na elaboração de discursos: discursos edificantes; discursos cristãos; discursos em situações imaginárias; discursos edificantes em vários espíritos etc. Note-se que, já na primeira frase da primeira coleção de discursos que publicou, Kierkegaard (1990) afirma que, enquanto autor dos discursos, não tem autoridade. Os discursos não dizem respeito a uma construção de sentido externa ao indivíduo à qual deva fazer um esforço moral e intelectual para compreender. São, antes, uma proposta de construção de sentido, uma proposta de edificação que lança a autoridade para o leitor. O leitor deve decidir se a elaboração dos conceitos que ali se encontram são ou não uma proposta coerente de construção de sentido no horizonte do Cristianismo⁶⁸

Por conseguinte, ao conceber as obras como discursos que proporcionam possibilidade de construção de sentido no horizonte do cristianismo; ao inserir a subjetividade do leitor, para que ele decida, e desfazendo de qualquer autoridade enquanto autor, Kierkegaard é coerente com suas críticas à cristandade, uma vez que apresenta o cristianismo de forma indireta e, ao tratar a existência e a religião simultaneamente, coloca o leitor no processo de decisão, enfatizando a existência em suas questões mais íntimas. No artigo supracitado, Roos argumenta que, assim como Vattimo, resguardando as diferenças entre os autores, Kierkegaard pensa o Cristianismo de modo

66 Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 193.

67 “Ao considerar a minha obra total, é-me naturalmente indiferente saber em que medida um público de supostos estetas encontrou ou poderia encontrar prazer em ler toda ou parte da produção estética, que é o incógnito e o embuste ao serviço do cristianismo; sou, com efeito, um autor religioso.” Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 22.

68 Jonas Roos, *Filosofia da Religião em Kierkegaard depois do anúncio da morte de Deus*. Brasília: Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 2, p. 1, 2014, p. 51.

não-metafísico. Esta observação é extremamente importante para pensarmos a religião em nosso tempo.

Sobre a relação entre as obras estéticas e religiosas, Gouvêa argumenta que os contrastes entre as obras estéticas e os *Discursos edificantes* constituem – enquanto produção de um mesmo autor – uma forma de comunicação indireta ainda mais sutil e crucial. Sendo assim, os Discursos caem parcialmente sob a rubrica da comunicação indireta⁶⁹. Este método de comunicação está na contramão do pensamento sistemático que pressupõe ter a verdade absoluta. Portanto, Kierkegaard deixa a liberdade e a decisão do indivíduo resguardados em sua escrita, que se comunica por seus fragmentos, não tendo a pretensão de abarcar a totalidade. Nesse ponto, podemos compreender a epígrafe que Kierkegaard, sob o heterônimo Johannes Climacus, colocou no início da obra *Migalhas Filosóficas*: “Melhor bem enforcado do que mal casado”⁷⁰. A transformação do cristianismo em um sistema de conforto pequeno burguês, de certezas absolutas e inabaláveis, impositivo e rígido, era o mal casamento da religião que Kierkegaard criticou.

Na comunicação indireta, Kierkegaard pôde explorar uma multiplicidade de pontos de vista, posições filosóficas, sem se comprometer com qualquer doutrina. Ademais, isso permitiu que o autor pudesse explorar as consequências à existência que cada ponto de vista poderia proporcionar. Assim, o que Kierkegaard apresenta ao seu leitor é possibilidade.

Mantendo esse método de publicação diante dos desafios de sua época – sejam eles o Cristianismo da Cristandade e os sistemas filosóficos abstratos que pretendiam explicar a existência, mas sem se comunicar com ela – a ênfase na existência, a partir dos heterônimos, denuncia a impotência especulativa diante da realidade concreta⁷¹. Mesmo Kierkegaard declarando-se como um autor religioso de tal modo que o religioso estava desde sempre presente no estético e o estético no religioso⁷², não dissipou o caráter polissêmico de sua obra. Gouvêa realiza com esmero, em seu livro *Paixão pelo Paradoxo*:

69 Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 193.

70 Trata-se de uma citação que Kierkegaard retirou da peça de Shakespeare: *Noite de Reis ou como lhe queiram chamar*, Ato I, cena 5. Søren Kierkegaard, *Migalhas filosóficas*. Lisboa: Relógio d'Água, 2012, p. 34-35.

71 Jorge Miranda de Almeida; Álvaro Luiz M. Valls, *Kierkegaard* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 28.

72 “O religioso está presente desde o princípio. Inversamente, o estético está ainda presente no último momento”. Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 28.

Uma introdução à Kierkegaard, uma investigação sobre as mais variadas interpretações sobre o dinamarquês e suas alegações de paternidade⁷³. Destacamos a interpretação de um Kierkegaard conspirador que era “aliado aos ateístas e tinha a missão de solapar a religião apresentando a fé cristã como um paradoxo, algo oposto à razão⁷⁴”. Esta acusação teria se repetido tantas vezes que se tornou padrão para os intérpretes pós-modernistas:

Kierkegaard, dizem eles, nunca foi um cristão crente. Foi tudo ironia do início ao fim. Se às vezes ele escreveu como autor cristão, foi apenas porque isto era vantajoso a sua verdadeira missão de implodir o cristianismo por dentro e desconstruir a fé cristã apontando suas antinomias teóricas e suas impossibilidades práticas⁷⁵.

Gouvêa defende a tese contrária, na qual Kierkegaard era um pensador “cristão ortodoxo em concordância com todos os dogmas centrais cristológicos e soteriológicos...”⁷⁶ e que todos os seus livros deveriam ser compreendidos à luz da totalidade de sua obra, privilegiando os livros mais tardios que expressam seu pensamento mais maduro, de forma mais direta e aberta do que antes⁷⁷. No entanto, isso nos faz pensar que, por exemplo, Kierkegaard, em 1843, já houvesse totalizado sua obra e que, portanto, os livros publicados naquela época atenderiam aos propósitos das obras tardias e, desse modo, o pensamento continuasse sendo o mesmo sem que sofresse com as metamorfoses no decorrer do tempo. Se procedêssemos assim, estaríamos perdendo, talvez, a singularidade dos heterônomos e o problema colocado naquele momento específico. Seria como se olhássemos para a vida em sua abstração atemporal sem as interferências das contingências e das contradições da existência.

Jon Stewart fala sobre algo semelhante quando em sua obra *Søren Kierkegaard: Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade*, antecipa uma possível crítica sobre privilegiar a obra *O conceito de ironia* às custas das obras mais maduras de Kierkegaard, mas, segundo

73 *As Alegações de Paternidade*, corresponde ao título do quinto capítulo da obra citada. Gouvêa nos oferece uma visão abrangente sobre as diversas formas que Kierkegaard fora interpretado

74 A origem dessa acusação foi de um artigo publicado no calor da *Kierkekamp* (1855). Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 77). *Kierkekamp*, é uma expressão que remete à polêmica e o embate entre Kierkegaard e a Igreja Luterana do Estado, “foi um conflito longo e acalorado no qual Kierkegaard não poupou nenhum de seus poderes irônicos e dialéticos para demonstrar seus pontos em alto e bom som”. *Ibid.*, p. 42.

75 *Ibid.*, p. 78.

76 *Ibid.*, p. 15.

77 *Ibid.*, p. 89.

Stewart, “isto é uma *petitio principii*, já que pressupõe antes do tempo quais são os aspectos centrais do pensamento de Kierkegaard e presume que *O conceito de ironia* é simplesmente uma peça da juventude que pode ser rapidamente deixada de lado⁷⁸”. Este é o problema perene da interpretação, a escolha e a decisão sempre levará para as mais variadas conclusões: Kierkegaard como um ateu disfarçado, Kierkegaard como cristão ortodoxo, Kierkegaard como um grande irônico⁷⁹ que nos deixou no labirinto de suas obras e “ria nos bastidores enquanto nós levamos seus livros a sério”⁸⁰. Argumentamos que este é o ponto: no fundo sempre caberá ao indivíduo decidir, sem abandonar o rigor e a seriedade presente na escolha, e é sobre isso que se trata a religião. No limite, a polissemia, a diversidade de interpretações, de pontos de vista, trata-se do respeito à subjetividade do indivíduo em sua possibilidade e decisão.

As obras heterônimas mantêm uma singularidade e independência, tanto em relação aos próprios heterônomos, quanto às obras assinadas pelo próprio nome e, ao mesmo tempo, se complementam no conjunto da produção. Essa singularidade e independência ocorre porque temos que nos relacionar com o ponto de vista do heterônimo e com as consequências daquela perspectiva. Também podemos chegar a uma compreensão diferente se olhássemos para o conjunto da obra, o que seria uma compreensão, válida assim como a anterior. Os estados afetivos através de um autor que não nos descreve um sentido fixo, mas sempre nos coloca diante da liberdade, da dúvida, das incertezas e das possibilidades, Kierkegaard parece ser inalcançável. As leituras e as interpretações diante desse enigma são muitas, mas assumimos Kierkegaard como um pensador da existência, que fora, sim, um autor religioso, como ele mesmo disse ser, mas que enquanto autor religioso, antes precisou ser outro⁸¹; para tornar-se cristão é antes necessário não o ser. Vemos Kierkegaard como um autor que se repete em suas obras,

78 Jon Stewart, Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 13.

79 Esse seria o objetivo de Kierkegaard segundo a leitura de Thompson: “não é levar o leitor a fazer algum impossível ‘movimento existencial’, mas demonstrar que todos estes movimentos por direção própria fracassarão”. Ricardo Quadros Gouvêa, *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 81.

80 Esta citação não expressa a opinião de Gouvêa, mas é um comentário de Gouvêa sobre a interpretação de Thompson. *Ibid.*, p. 81.

81 Ser outro aqui significa ser poeta. Em *Ponto de Vista Explicativo da minha Obra de Escritor*, Kierkegaard diz: “Tornei-me poeta; mas, com os meus antecedentes religiosos [...]”. Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 87.

um autor que para manter sua unidade foi necessário ser sempre a cada vez diferente para ser o mesmo⁸².

Para Kierkegaard, o Cristianismo possibilita um paradigma de sentido ao indivíduo. Segundo Stewart, “Kierkegaard preocupou-se com o problema da falta de sentido da vida, que ele considerava um importante fenômeno moderno que deve ser levado a sério⁸³”. Ao transpor a limitação do tempo, Kierkegaard continua a tornar-nos atentos através de suas obras. A questão é o que realizamos com ela. Acreditamos que a continuidade de estudos no pensamento de Kierkegaard, além da relevância intelectual para os estudos de religião, tanto na perspectiva filosófica, teológica e das ciências da religião, também resguarda a possibilidade de transformação existencial a partir de uma compreensão mais profunda do cristianismo. Kierkegaard teve o comprometimento de recuperar o que estava na essência da mensagem cristã, Kierkegaard diante da cristandade é análoga a Davi frente a Golias: um indivíduo contra uma estrutura. Kierkegaard alude essa situação com o próprio cristianismo ao começar no mundo que lutou contra um fracasso certo:

É impossível duvidar de que aqui deve reinar uma enorme confusão, uma terrível ilusão. Mas vão lá, pois, bulir nisto! Conheço perfeitamente a objecção. Porque mais de uma pessoa que me ouve, dir-me-ia, batendo-me, com bonomia no ombro: “Caro amigo, ainda és jovem para te lançares em semelhante empreendimento que, para ter um êxito relativo, exigiria, pelos menos, uma dezena de missionários bem disciplinados, e que não tende, nem mais nem menos, senão a reintroduzir o cristianismo... na cristandade”. Não, caro amigo, sejamos homens; semelhante projecto está acima das tuas forças e das minhas. É tão loucamente grandioso como pretender reformar “a multidão” com a qual nenhum homem razoável se mistura e que a considera como tal. Embarcar assim é naufrágio certo. Talvez, mas se o fracasso é ou foi curto, é igualmente certo que esta objecção não nos veio do cristianismo; porque, quando apareceu no mundo, o empreendimento estava garantido de uma maneira ainda mais categórica contra um fracasso certo e, apesar de tudo, foi começado; também é certo que não se recebeu esta objecção de Sócrates, porque ele misturou-se com “a multidão” e quis reformá-la⁸⁴.

82 Kierkegaard se tornou poeta com os seus antecedentes religiosos, mas, tornar-se poeta foi ao mesmo tempo seu despertar religioso e concebeu sua vida na esfera do religioso. Cf. *ibid.*, p. 87.

83 Jon Stewart, Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 98.

84 Søren Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 38.

O que é fundamental, para Kierkegaard, não é a preocupação de sucesso ou fracasso em relação à sua tarefa como autor, pois isso seria equivalente a deixar seu “eu” à mercê das circunstâncias. O importante é começar, dar continuidade ao que está sendo perdido, reformar o que está sendo alterado na ilusão. Recuperar o que está sendo ofuscado e mal compreendido é um exercício constante. Kierkegaard buscou cuidar da semente plantada pelo Cristianismo; mesmo a cristandade sendo a distorção, Kierkegaard não culpou a semente pela árvore, mas conservou a possibilidade de a semente vir a dar bons frutos.

Conclusão

Neste artigo, procuramos mostrar como o contexto cultural e familiar de Kierkegaard o influenciou em sua vida como escritor e na sua relação com a religião. Kierkegaard não apenas criticou a igreja, mas teve como propósito de vida buscar o essencial do cristianismo. A pertinência do estudo da religião no pensamento de Kierkegaard, refere-se à atualidade de sua crítica, sem perder o ponto decisivo e crucial da religião. Como autor cristão, Kierkegaard percebeu, em seu contexto, que o cristianismo do Novo Testamento estava sendo deturpado pela cristandade. Entretanto, em sua obra, além das críticas à igreja estatal, Kierkegaard analisou categorias cristãs de fundamental importância para compreensão do significado do cristianismo. Deve-se ter em mente que Kierkegaard não pretendeu exercer autoridade através da sua compreensão. Esta percepção, assim como a postura de Kierkegaard como autor, é muito valiosa para a contemporaneidade, na qual vemos emergir e proliferar com força o fundamentalismo religioso⁸⁵ e teologias que pretendem se impor aos indivíduos, colocando barreiras à liberdade religiosa e ao diálogo.

Kierkegaard compreendeu que a religião e a existência caminham juntas, que ambas, no limite, lidam com os mesmos problemas. Entender esses problemas significa

85 Segundo Guimarães, do ponto de vista conceitual, o termo “fundamentalismo” é diversificado, podendo ser aplicado às diversas esferas sociais. No campo religioso, o Fundamentalismo encontra uma notável receptividade e surge quando o ritmo da modernidade ameaça os arranjos da religião, e a solução se apresenta como um retorno ao absolutismo das Escrituras. Contra o caos da secularização, se coloca o peso da certeza, da inerrância e da autoridade divina. Trata-se, nesse sentido, não de uma doutrina, mas de uma maneira de interpretar e viver a doutrina, que irrompe em intolerância e violências. Valtemir Ramos Guimarães, *Fundamentalismo bíblico protestante: abordagem histórica e implicações sociorreligiosa*. Recife: PUC-PE, 2014, 87 p.

pensar o sentido da própria existência. A religião, no pensamento de Kierkegaard, não pode ser vista como uma função ou aspecto, mas podemos pensá-la como o próprio fundamento da existência. Na vida, somos acometidos por perdas irreparáveis; quando pensamos no sofrimento humano, tal como Kierkegaard experimentara ao perder seus familiares, a grande questão é como produzir sentido na vida diante da contingência, da perda e do sofrimento. A religião, portanto, lida com essas questões cruciais da existência; questões que também são de ordem religiosa. Nenhuma ciência positiva pode responder a esses problemas da existência, uma vez que não pode torná-la seu objeto. Nenhuma ciência pode controlar a vida na sua aleatoriedade. Portanto, além das necessárias críticas à religião em nosso tempo, e diante das questões mais fundamentais da existência, a religião pode proporcionar sentido. E essa é uma tarefa cada vez mais urgente: não deixar que o essencial da religião seja perdido nas imposturas de inúmeros púlpitos perversos.

Referências

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Álvaro Luiz M. *Kierkegaard* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BACKHOUSE, Stephen. *Kierkegaard: uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

BOLLNOW, Otto F. *Filosofia existencial*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1946.

GARFF, Joakim. *Søren Kierkegaard a Biography* [livro eletrônico]. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução à Kierkegaard*. 1. ed. São Paulo: Novo Século, 2000.

GUIMARÃES, Valtemir Ramos. *Fundamentalismo bíblico protestante: abordagem histórica e implicações sociorreligiosa*. Recife: PUC-PE, 2014, 87 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2014.

KIERKEGAARD, Søren. *Ponto de vista explicativo de minha obra como autor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. *Migalhas filosóficas*. Lisboa: Relógio d'Água, 2012.

_____. *Pós-escrito às migalhas filosóficas*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *O instante*. São Paulo: Editora LiberArs, 2020.

KIRMMSE, Bruce (ed.). *Encounters with Kierkegaard*. Princeton University Press, 1996.

MARTENSEN. In: KIRMMSE, Bruce (ed.). *Encounters with Kierkegaard*. Princeton University Press, 1996.

MORAIS, Regis. O terrível e o sublime. In: KIERKEGAARD, Søren. *Das profundezas: preces*. São Paulo: Paulinas, 1990.

REICHMANN, Ernani. *Søren Kierkegaard: Textos selecionados por Ernani Reichmann*. Curitiba: UFPR, 1971.

ROOS, Jonas. *Tornar-se Cristão: O Paradoxo Absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. 2007. 247 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2007.

_____. Filosofia da Religião em Kierkegaard depois do anúncio da morte de Deus. Brasília: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 2, p. 1, 2014.

_____. Finitude, infinitude e sentido: um estudo sobre o conceito de religião a partir de Kierkegaard. Brasília: *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*, v. 6, p. 10-29, 2019.

STEWART, Jon. *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*. New York: Cambridge University Press, 2003b (versão eletrônica).

_____. *Søren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade*. Tradução Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. *O crucificado encontra Dionísio: estudos sobre Kierkegaard e Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2013.